

SE O PASSADO NÃO TIVESSE ASAS: A ESCRITA-DENÚNCIA DE PEPETELA SOBRE OS RASTROS COLONIAIS EM ANGOLA

SE O PASSADO NÃO TIVESSE ASAS: PEPETELA'S WRITING-COMPLAINT ABOUT THE COLONIAL TRAILS IN ANGOLA

Dossiê:

Literatura e teoria de autoria negra no Atlântico Sul



ORGANIZADORAS:

Adrinana de F. A. L. Barbosa



Anna Herron More



CERRADOS
REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA

v. 33, n. 66, dez. 2024
Brasília, DF
ISSN 1982-9701



FLUXO DA SUBMISSÃO

Submetido em: 17/05/2024

Aceito em: 25/11/2024

DISTRIBUÍDO SOB



Maria Clara de Paula Reis  

UFG | mariareis@discente.ufg.br

Rogério Max Canedo  

UFG | max.canedo@ufg.br

Resumo/Abstract

O presente artigo tem por objetivo analisar a obra *Se o passado não tivesse asas*, publicada em 2016, do autor angolano Pepetela, como um romance de denúncia das graves consequências provocadas pelo processo de ocupação, pela colonização e pela descolonização tardia em Angola. Nesse sentido, partindo de uma obra ficcional que apresenta uma perspectiva histórica, política e cultural, o trabalho debate as dimensões do pós-colonialismo e expõe a importância da literatura na busca da identidade dos angolanos. Para isso, a pesquisa foi fundamentada principalmente nos estudos teóricos de Mata (2010, 2013), de Chaves e Macêdo (2009) e de Kilomba (2019), a fim de apresentar como a ficção e a história se entrelaçam na narrativa de Pepetela.

Palavras-chave: *Se o passado não tivesse asas*, Pepetela, estudos pós-coloniais, colonialismo, Angola.

This article aims to analyze the book *Se o passado não tivesse asas*, published in 2016, by the Angolan author Pepetela, as a novel of complaint of the serious consequences caused by the occupation process, colonization and late decolonization in Angola. Therefore, stemming from a fictional book that presents a historical, political and cultural perspective, the article debates the dimensions of post-colonialism and exposes the importance of literature in the seeking of identity of Angolans. For this purpose, the research was based mainly on theoretical studies by Mata (2010, 2013), Chaves and Macêdo (2009) and Kilomba (2019), in order to present how fiction and history are interlaced in Pepetela's narrative.

Keywords: *Se o passado não tivesse asas*, Pepetela, post-colonial studies, colonialism, Angola.

Quando não souberes para onde ir, olha para trás e saiba pelo menos de onde vens.

Provérbio africano

INTRODUÇÃO

O processo de ocupação, a colonização e a descolonização tardia nos países da África instaurou uma crise identitária nos povos africanos, que carregam cicatrizes de um passado permeado pelo silenciamento de sua cultura e pela imposição de outra tão discrepante — a do colonizador europeu (AUGUSTONI; VIANA, 2010). Nas lições de Candido (1995), a literatura, por sua natureza, possibilita a expressão e o posicionamento crítico. Por seu turno, as produções estéticas africanas de língua portuguesa agudizam esse potencial de criticidade, sobretudo em função das condições históricas em que suas literaturas foram forjadas. Desse modo, entre os principais objetivos das produções literárias africanas estão a denúncia do apagamento histórico e o resgate de suas origens, como uma forma de descolonização ideológica e cultural para escapar do olhar eurocêntrico e encontrar autonomia e pertencimento em suas raízes (LEITE; BERGAMO; BRUGIONI; CANEDO, 2022). As atividades literárias africanas, segundo Rita Chaves (2005, p. 278), se inseriu na discussão da nacionalidade a partir de um “sentimento nativista, com ênfase na descoberta e valorização dos chamados ‘bens de raiz’ ” que visava “dotar os futuros países de uma base em que as pessoas, separadas por fundas diferenças, pudessem encontrar uma plataforma comum” , nesse caso, a luta pela independência.

A este propósito, as literaturas africanas são atravessadas pela promessa de nacionalismo, pela luta anticolonial e pela emancipação política e social, com características como estabilidade, ascensão e ruptura, ao mesmo tempo que instabilidade, regresso e continuidade (LEITE; BERGAMO; BRUGIONI; CANEDO, 2022). As produções literárias se propõem a dar condições de empoderamento, a trazer a ascensão da voz social dos povos africanos, que procuram afirmar a sua identidade ainda existente devido à resistência dos colonizados, e a unificar um povo marcado pelo trauma colonial, dessa vez respeitando a heterogeneidade étnica de cada região.

Para Inocência Mata (2010, p. 67, grifos da autora), a percepção de identidade é constituída por dois fatores: a historicidade, porque a identidade é um processo, e a alteridade, porque “esse sentimento de pertença a uma colectividade pressupõe a existência de uma entidade *outra* como factor aglutinador de uma diversidade de entidades *mesmas*” . Logo, consoante ao conceito de trauma colonial proposto por Kilomba (2019), esquecer o passado se torna uma impossibilidade e a construção de uma “auto-imagem” está precisamente ligada à imagem do outro, o colonizador, posto que os sujeitos afrodescendentes estão submetidos a reviver, no presente, acontecimentos racistas do passado. Assim, com a inevitabilidade dos vestígios da colonização europeia, as produções literárias africanas possuem como um dos temas centrais a discussão histórica da condição de colonizado e da conjuntura do estado em construção (LEITE; BERGAMO; BRUGIONI; CANEDO, 2022).

Através desse carácter contestatário de luta pela emancipação social e política de sujeitos historicamente silenciados, as literaturas africanas registram a “transição da identidade fundamentada na utopia para uma identidade *outra*, díspar, destoante; peculiar ao novo momento – o pós-colonial” (AUGUSTONI; VIANA, 2010, p. 192). No que concerne à crítica pós-colonial¹ das literaturas africanas em língua portuguesa, será levado em consideração o seu conceito analítico-crítico e não o cronológico, uma vez que o pós-colonialismo não se refere, exatamente, às produções literárias posteriores à independência

1 “É sobretudo a partir da publicação de Edward Said, *Orientalism* (1978), que se desenvolvem teórica e criticamente os estudos sobre pós-colonialismo, surgindo posteriormente obras de outros intelectuais diaspóricos, que reclamam uma voz crítica pós-colonial, oriundos, ou com raízes, nos ex-países colonizados” (Leite, 2013, p. 12).

dos países da África, mas também a um conjunto de estratégias discursivas difundidas durante e depois da colonização europeia, em busca de “combater e refutar as suas categorias, e propôr uma nova visão de mundo, caracterizado pela coexistência e negociação de línguas e de culturas” (LEITE, 2013, p. 11). Em razão disso, surgiu a necessidade da busca pelas subjetividades africanas para que as suas literaturas não fossem tratadas como uma mera extensão da literatura europeia.

No caso de Angola, recém-independente, a sua imagem continua a ser construída com a ajuda da literatura e esta, por sua vez, continua a desempenhar um papel que vai além da significação estética e simbólica (MATA, 2010). Ressalvando a importância da escrita contestatória de Pepetela para a construção de uma identidade angolana, a presente pesquisa bibliográfica propõe analisar a obra *Se o passado não tivesse asas*, publicada em 2016, que narra a sobrevivência de duas personagens, Himba e Sofia, em dois contextos históricos diferentes de Angola: a guerra civil iniciada com a descolonização tardia e o cenário pós-guerra. O romance retrata como episódios do passado colonial ainda estão vigentes na sociedade atual através do racismo e da exploração. Logo, foi adotado o embasamento teórico em temas centrais como identidade angolana (AUGUSTONI; VIANA, 2010), pós-colonialismo (MATA, 2010, 2013; LEITE, 2013) e trauma colonial (KILOMBA, 2019).

A ESCRITA-DENÚNCIA DE PEPETELA E A CRÍTICA PÓS-COLONIAL

Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos, nascido em Benguela, Angola, recebeu o nome Pepetela ao participar da guerra colonial em defesa de Angola, em 1970. Em umbundo, uma das línguas locais angolana, Pepetela significa “pestana”, seu sobrenome. Formado em Sociologia pela Universidade de Argel, na Argélia, tem mais de 20 livros publicados, com uma produção literária marcada por obras importantes como *As Aventuras de Ngunga* (1972), *Mayombe* (1979) e *A geração da utopia* (1992). Em 1997, Pepetela foi galardoado com o Prêmio Camões, o maior prêmio literário das letras lusófonas. Além de escritor renomado, teve grande participação no governo angolano como vice-ministro da Educação e, posteriormente, efetivou-se como professor universitário (CHAVES; MACÊDO, 2009).

Pepetela, desde sua infância, sempre conviveu com grupos de ampla diversidade étnica, racial e de classe. Até então, para ele, as pessoas não eram diferentes em função da cor de pele que tinham. Entretanto, com o passar do tempo ele percebeu o mundo da forma como ele é: uma estranha diferença entre pessoas brancas e as “de cor”, um grupo com mais privilégios e oportunidades do que o outro. Por conseguinte, surgiu o interesse de Pepetela pelas questões sociais existentes em sua realidade, junto à necessidade de construir uma voz nacional autêntica, recuperando raízes camufladas pela cultura do colonizador, ainda muito presente na sociedade atual. Por essa razão, ele considera que a busca da identidade angolana é contínua (CHAVES; MACÊDO, 2009).

A partir desta sua percepção, a literatura pepeteliana tem um caráter nacionalista pós-colonial de resgate à cultura nacional, mesmo em países estrangeiros — como Portugal, por exemplo —, além das questões sociais em tom de denúncia, ressaltando as consequências nefastas da colonização. Ana Mafalda Leite (2013, p. 11) argumenta que o termo pós-colonialismo “pode entender-se como incluindo todas as estratégias discursivas e performativas (criativas, críticas e teóricas) que frustram a visão colonial, incluindo, obviamente, a época colonial”, implicando, assim, “um alargamento do *corpus*, capaz de incluir outra textualidade que não apenas das literaturas emergentes, como o caso de textos literários da ex-metrópole, reveladores de sentidos críticos sobre o colonialismo”. Em suma, a escrita-denúncia de Pepetela, ao utilizar a ficção para representar a realidade histórica, traz importância para a construção da imagem intelectual e social angolana. É através dos seus escritos que arte, política, estética e ética caminham juntas para “inventar mundos que não existem, mas baseando-se na própria realidade” (PEPETELA apud CHAVES; MACÊDO, 2009, p. 37). Nas palavras de Inocência Mata (2010, p. 18), Pepetela,

consciente do seu papel numa sociedade em que a escrita ainda confere poder ao seu detentor, faz da sua obra literária uma instância incontornável na construção do seu processo autoral, portanto um lugar importante por que passa o exercício da sua cidadania: afinal, Pepetela é um romancista que assume a sua “consciência sociológica” ao afirmar que escolheu Sociologia para ser escritor e que estuda a sociedade angolana para escrever.

A questão identitária dos povos angolanos é instável e conflitante por efeito da invasão, da ocupação e, por fim, da transição do colonialismo português para a independência, enfatizando a fronteira de classes, interesses e ideologias (AUGUSTONI; VIANA, 2010). Em vista disso, é na ficção angolana que mais se evidencia “a apetência para antecipar na sociedade a assunção do ‘pensamento da diferença’ e da negociação das diversas identidades, tanto grupais como segmentais ou individuais” (MATA, 2010, p. 18). Consequentemente, essa mobilização política da literatura pós-colonial é impulsionada pela visão da sociedade de acordo com uma perspectiva diferente da imposta pelo colonizador, a qual reflete sobre a sua condição periférica, tanto em nível estrutural como conjuntural (MATA, 2013).

No entanto, do mesmo modo como qualquer outra ruptura histórica, o cenário pós-independência ainda mantém muitas marcas do colonialismo e, no campo da produção crítica e literária, elas servirão como ponto de partida para a concepção dos estudos pós-coloniais. Inocência Mata (2013) ressalta que romances africanos escritos neste contexto denunciam como a independência não é o mesmo que liberdade e libertação, mas sim internalização do colonizador após o fim desse período. Afinal, para denunciar o colonialismo, é preciso se apropriar dos acontecimentos para enfim se opor a eles, sempre à procura de conversões. Pepetela é um dos escritores desse movimento de resistência e de transformação ao trabalhar a história de Angola nos seus escritos literários e evidenciar a heterotopia do país.

A minha geração foi privilegiada por ter tido que fazer opções dramáticas. Em contraponto encontramos outras gerações que perdem os objetivos ou que nunca chegam a ter algum, o que me parece um vácuo demasiado doloroso, simplesmente desumano. Por ter de fazer esse tipo de opções (lutar ou não lutar contra a situação colonial, pegar em armas ou trabalhar no exílio frio, desertar ou continuar num exército de ocupação colonial, etc., etc.) a literatura da minha geração está “contaminada” por essas opções pessoais. Daí o socorrer-se do passado para pensar o presente e perspectivar o futuro, daí o interesse pelos problemas que fracturam a sociedade, daí a ligação quase indispensável com o facto político. Os meus livros não podiam ser excepção [...] (PEPETELA apud MATA, 2010, p. 14).

Portanto, cabe ressaltar a importância do autor em questão quando, em sua criação literária, dá voz àqueles marginalizados nos âmbitos político, ético-moral, sociocultural, ideológico e econômico, como uma forma de desafiar a parcialidade e o silenciamento de um determinado período histórico, afinal “o indizível de uma época só encontra lugar na literatura” (MATA, 2013, p. 24). Dessa forma, a literatura pepeteliana é delineada pela relação entre o real e o fictício, expondo os efeitos nocivos da colonização portuguesa em Angola.

SE O PASSADO NÃO TIVESSE ASAS: OS RASTROS DEIXADOS PELO COLONIALISMO PORTUGUÊS

O romance *Se o passado não tivesse asas*, escrito por Pepetela (2016), tem uma narrativa não linear que entrelaça passado e presente para contar a história de Himba e Sofia, duas vítimas dos rastros deixados pelo colonialismo português. No passado, a partir de 1995, Himba, uma garota de

apenas 13 anos, luta para sobreviver no contexto conflituoso da Angola pós-independente marcado por tensões étnicas e regionais e guerras civis internas em busca de poder político (FELIX, 2015). Já no presente, em 2012, Sofia, uma mulher de 30 anos no início de sua ascensão profissional e financeira, vive na Luanda contemporânea onde “havia ansiedade e expectativas no ar, de novas obras, empreendimentos grandiosos, muito dinheiro a jorrar do petróleo, compras exuberantes, luxos ostentados por garotos, ganância e contratos duvidosos”, cenário no qual Sofia “aproveitaria a sua oportunidade de ouro” (PEPETELA, 2016, p. 28).

Partindo da conjuntura histórica representada no romance em questão, em 1975 foi registrada a independência nacional de Angola, porém esse marco importante não gerou a unificação do povo como previsto pela utopia libertária, mas sim segregação e procura por outras formas de poder, pois posterior à época colonial “as fronteiras internas do país, se não se multiplicaram, vieram ao menos à tona, tendo sido, durante seus anos de colônia, camuflados pela utopia da independência, bem como pela luta conjunta em prol da descolonização” (AUGUSTONI; VIANA, 2010, p. 197-198). Até 2002², as guerras civis angolanas eram intensas e dentro desse período houve um grande movimento migratório interno no país (FELIX, 2015). É neste contexto que Himba e sua família, cansados porque “mais uma vez a guerra chegou na terra deles” (PEPETELA, 2016, p. 9), intentam uma fuga de Huambo, município no Planalto Central, para Luanda, a capital, com a expectativa de encontrarem um cenário de vida melhor. Entretanto, o caminhão que os levava sofre uma emboscada na estrada e Himba, ao correr dos saqueadores, se perde de toda a sua família, não tendo alternativa a não ser seguir sozinha para a grande capital, onde poderia procurar pelos pais posteriormente.

Em Luanda, a garota percebe que a realidade não condiz com o que esperava e se pergunta se a cidade era apenas “fumo, confusão e mau cheiro” (PEPETELA, 2016, p. 30). Em sua caminhada cansativa, sem rumo exato, encontra alguns meninos “tão perdidos quanto ela, ficavam pelas ruas, sem casa nem família, talvez também fugindo da guerra” (PEPETELA, 2016, p. 32). A escassez de políticas públicas da capital marginalizou vítimas da guerra como Himba, que quando tenta procurar pelos seus pais através da polícia, escuta que talvez a denúncia não seria aceita pelos Assuntos Sociais por estarem “cheios de crianças abandonadas e perdidas” (PEPETELA, 2016, p. 37). Sem êxito, Himba volta para as ruas, onde conhece Kassule, um garoto de apenas 10 anos de idade, também filho da guerra, órfão de pai e mãe, e que inicialmente a confunde com a sua irmã mais velha, levada por um homem em um carro para ganhar comida e talvez dinheiro, mas que nunca mais voltou. A partir desse encontro dos dois, Kassule se torna o companheiro mais leal de Himba.

Ambos encontram refúgio na Ilha do Mussulo, sob uma gruta da praia, porque dormir sobre areia é mais agradável do que sobre o asfalto rígido e, pelo menos naquele início, não precisam lutar contra outras crianças pelas comidas dos contentores de lixo dos restaurantes da região. Embora a Ilha pareça um tanto mais tranquila do que a realidade precária vivenciada nas ruas da cidade, Himba e Kassule enfrentam desafios como fome, sede, rejeição e cenas truculentas de brigas por comida. Os ilhéus reclamavam com a polícia: “ponham mais agentes para os controlar, mandem todos para os musseques, a Ilha é boa demais para eles, façam uns cercados com arame farpado no mato e ponham todos lá dentro” (PEPETELA, 2016, p. 85), comportamento que evidencia uma reencenação do período colonial caracterizado pela privação das liberdades das vítimas, revelando um padrão histórico de abuso racial que envolve não apenas os horrores da violência racista, mas também as memórias coletivas do trauma colonial (KILOMBA, 2019).

O termo “trauma colonial” proposto pela escritora e psicóloga Grada Kilomba (2019, p. 214) advém da ideia de que “a escravização, o colonialismo e o racismo cotidiano

2 “11 de novembro de 1975 o MPLA, sob a direção de Agostinho Neto, depois de 14 anos de luta, proclamou a independência, reconhecida pelo governo português. A primeira guerra de independência estava terminada. Mas a continuidade das divisões internas não demorou em transformar-se em uma segunda guerra civil, disputada entre MPLA e Unita [...]” (HERNANDEZ, 2005, p. 582). Dessa maneira, a segunda guerra civil durou até 2002, quando o MPLA venceu a disputa pelo poder político de Angola.

necessariamente contêm o trauma de um evento de vida intenso e violento, evento para o qual a cultura não fornece equivalentes simbólicos e aos quais o sujeito é incapaz de responder adequadamente”. Ela argumenta que os afrodiaspóricos lidam não apenas com traumas individuais e familiares dentro da cultura branca dominante, mas também com o “trauma histórico coletivo da escravização e do colonialismo reencenado e restabelecido no racismo cotidiano”, do qual eles se tornam, de novo, “a/o ‘*Outra/o*’ subordinado e exótico da branquitude” (KILOMBA, p. 215, grifo da autora). Dessa forma, é possível visualizar o alcance do colonialismo nas sociedades já descolonizadas, pois a opressão que era externa passa a ser internalizada nas relações sociais, prejudicando e marginalizando as minorias. Pepetela denuncia esse comportamento em entrevista concedida a Carlos Serrano, exposta em texto organizado e publicado por Tânia Macedo e Rita Chaves (2009, p. 35):

Ora, há muita coisa de Angola de hoje e de Angola de amanhã que encontram explicação nessa sociedade. Porque apesar da luta de libertação, apesar da Independência etc., muita coisa ficou fundamentalmente em termos do que se pode chamar muito genericamente de cultura, incluindo comportamentos sociais, preconceitos etc. Há uma série de reações que tiveram que são explicadas pela história colonial. Há educação que receberam em determinado meio. Depois houve a ruptura. A Independência é uma ruptura, um trauma de que se recuperam numa nova sociedade, mas com muita coisa que vem de trás.

Por esse motivo, Inocência Mata (2013, p. 32, grifo da autora) ressalta que “a teoria pós-colonial tem de se deter na dinâmica das relações entre centro e periferia, mesmo se forem periferias *internalizadas*”, dinâmica essa que Pepetela (2016) expressa com evidência no romance. A reencenação do período colonial apresentada em *Se o passado não tivesse asas* pode ser percebida em diversos momentos, mas principalmente no caso das personagens Madia e Luemba, ambas expostas à situações de trabalho doméstico análogos à escravidão, exploradas ao máximo para obter o mínimo como moradia e alimentação. A Luemba, uma menina de 8 anos de idade, ainda sofreu violência física, motivo que a fez fugir da casa da prima de seu tio em Luanda, onde realizava todos os serviços domésticos com a falsa promessa de que seria muito bem tratada:

E começaram os gritos e os maus tratos, afinal tinha de limpar e varrer a casa toda, passar pano molhado no chão, lavar roupa para uma mulher engomar tudo uma vez por semana, a comida a ser dada cada vez com mais dificuldade e recriminações, quem não sabe bumar não come, mas ela era uma menina pequena, nunca tinha trabalhado assim, andava só na escola e em casa ajudava as mais velhas, mas era só ajudar, não fazer os trabalhos pesados, então lavar lençóis é trabalho de criança pequena? (PEPETELA, 2016, p. 108).

Dona Isabel Kimba, a senhora boa das trancinhas, ao ouvir a história de Luemba, diz:

Essas vadias da cidade fazem sempre isso. Se dão ares de grandes senhoras, viajadas, casadas com homens poderosos, mas são o lixo do mundo. Não querem pagar a empregadas para lhes tratarem das casas, então aproveitam a desgraça dos outros. Umas sanguessugas. Ainda dizem que a escravatura já acabou. Mentira! Pode ter acabado no mundo, mas aqui estamos no mundo? (PEPETELA, 2016, p. 111).

O trabalho braçal de sujeitos historicamente subalternizados, vítimas de uma mão de obra barata ou gratuita, muito favorável para um sistema capitalista, traz à tona como a escravização e o

colonialismo ainda estão vigentes em sociedades livres do jugo colonial. De acordo com Grada Kilomba (2019, p. 224), a atemporalidade, “por um lado, descreve o passado coexistindo com o presente e, por outro lado, descreve como o presente coexiste com o passado. O racismo cotidiano nos coloca de volta em cenas de um passado colonial — colonizando-nos novamente”. Ou seja, além de vivenciar o silenciamento da cultura nativa e a imposição de outra muito diferente, os africanos ainda enfrentam situações abusivas por causa dos resquícios da colonização, da espoliação e da exploração na sociedade.

A senhora boa das trancinhas, diferente de muitas pessoas que cruzaram o caminho de Himba e Kassule, oferece aos dois comida, abrigo e colo nos momentos de maior dificuldade, sem condição financeira suficiente para também acolhê-los dentro de sua casa. Posteriormente, ela mobiliza vagas para os dois no lar do padre Adão, lugar para crianças abandonadas que vivem nas ruas, com direito a uma cama para dormir, boa alimentação e acesso à educação. No lar, livre dos perigos das ruas, Himba e Kassule têm segurança, tempo e meios para se entenderem como indivíduos. Kassule descobre sua grande afinidade com desenho e pintura, já Himba percebe que gosta de ver como os donos da cozinha do lar preparam a comida para as crianças do abrigo.

Com a sua adolescência conturbada, Himba passou muito tempo culpando seu pai pela emboscada que a separou de toda sua família, especialmente porque a dor da ausência estava sempre ali, latejante, por mais que ela tentasse não se perder em sonhos de regressos impossíveis ao passado.

Acontecia muitas vezes com Himba: um voo de pássaro, uma rabanada de vento, uma frase apanhada da rua, qualquer coisa, por mais insignificante, evocava os pais, a vida anterior, os irmãos mais novos, a casa perdida na voragem da guerra. Esses pequenos episódios tão importantes hoje quase não tinham significado na altura em que ocorreram. Os eruditos chamariam marcas da sua identidade. Claro, a menina não perceberia sequer a frase. Pouco interessa a designação, os episódios do passado viviam com ela, viviam nela (PEPETELA, 2016, p. 84).

Quando o anúncio da paz finalmente ressoa por Angola, em meados de 2002, Himba decide visitar Huambo, seu município natal, para ter informações oficiais sobre o paradeiro de sua família, decisão essa que o padre Adão apoia prontamente. Enfim ela descobre o que uma parte de si já sabia: toda a sua família foi morta naquele ataque na estrada. A esperança que nutria genuinamente evanesce junto ao sentido de continuar com o sobrenome paterno. A guerra cortou à força todo o vínculo que ela tinha com a sua origem. Surge na narrativa mais uma vertente do trauma colonial: a da separação. A metáfora de romper com a antiga vida e personalidade coincide com a fragmentação histórica e cultural do colonialismo, a qual priva o sujeito de suas conexões com a sua origem (KILOMBA, 2019).

Assim, Himba opta por mudar seu nome para Sofia, o nome da irmã perdida de Kassule e este, por sua vez, troca o seu por Diego. O padre Adão não hesita em dá-los o seu sobrenome Moreira, tornando-os irmãos de verdade. O maior objetivo da garota ao trocar de nome é esquecer o passado e toda a dor acumulada e partir para uma nova vida. Entretanto, é interessante observar que a escolha dos novos nomes deles pode estar ligada, também, aos rastros de colonialidade, uma vez que ambos fogem da origem angolana.

Sofia se forma em contabilidade e consegue um emprego mediano que permite que ela e Diego morem fora do lar do padre Adão, para abrir espaço para novas crianças em situação de rua, como eles foram um dia. Depois de um tempo, ela conhece Dona Ester, proprietária do restaurante onde Sofia começa a trabalhar e, após alguns meses, se torna sócia por sempre visar a melhoria e o crescimento do local, além dos seus conhecimentos únicos sobre culinária.

Através do restaurante, Sofia tem um contato direto com o capitalismo e com um grupo de pessoas de maior poder aquisitivo, que “esqueciam que ela afinal também não era herdeira de coisa nenhuma, nem princesa nem sequer colunável. Ela percebeu ser de outro mundo, mas por

momentos tentou ignorar e se sentir também nascida em família rica, desconhecendo de onde tinha vindo o dinheiro” (PEPETELA, 2016, p. 140). Ao longo da narrativa, é mostrado que, aos poucos, Sofia vai se desprendendo do que resta de suas raízes morais e aderindo às ideias que esse grupo sugere a ela, principalmente sobre o restaurante.

Com a morte de Dona Ester, o interesse de Sofia por coisas materiais se aflora e tudo o que ela faz pela sócia e amiga antes e durante o funeral parece servir apenas para que não a “acusassem de diminuir o brilho do óbito de Dona Ester” (PEPETELA, 2016, p. 239), e não porque de fato havia afetividade e companheirismo entre as duas, a começar que as despesas do funeral foram pagas pela própria falecida. Quando as questões da morte da outra sócia foram resolvidas, Sofia voltou a cuidar do estabelecimento.

Tinha de pensar em coisas novas para o restaurante, dar uma guinada, mostrar a sua verdadeira face. Até então o negócio era de Dona Ester, combinando com ela, até no nome. Para o futuro devia aparentar o caráter da nova proprietária, pois de facto ela se tornara a verdadeira dona, Ezequiel não contava. Quem poderia contestar? Não seria certamente o canadiano desaparecido! (PEPETELA, 2016, p. 269).

Sofia coloca o alvará do restaurante apenas em seu nome, ignorando o fato de que Dona Ester tinha dois filhos: um que foi para o Canadá e não fez questão de manter contato com a mãe e o Ezequiel, quase da mesma idade de Sofia, com algum transtorno mental não identificado pelos médicos, mas sabiam que não era genético e nem de nascença, era um trauma que afetou seu cérebro e dificultou a execução de coisas básicas como assinar o próprio nome, então Sofia o considerou inválido para assumir a outra parte do restaurante. Diego, ao descobrir todo o esquema desonesto da irmã, questiona:

“Quando é que te tornaste assim, a pensar apenas no teu interesse? Essa não é a Himba que se tornou minha irmã Sofia...” (PEPETELA, 2016, p. 351), em seguida, anuncia que não deseja mais morar com ela: “Não posso conviver com a ganância ou o resultado dela. Não vou ser um escravo desta ditadura da ganância, que parece ser o nosso destino. Outros sejam escravos. Eu sou diferente” (PEPETELA, 2016, p. 354). A resposta de Sofia prova que ela é apenas mais uma vítima da atual condição social angolana: “Eu sou o que fizeram de mim. O teu país” (PEPETELA, 2016, p. 355).

Em suma, a pessoa que Sofia se transforma é uma das consequências do colonialismo português, afinal, no pós-independência, segundo Pepetela em entrevista a Rodrigues da Silva, “há um problema muito grave: a perda de valores morais. O capitalismo selvagem instalou-se nas consciências e as pessoas contam apenas consigo próprias e lutam pela vida passando por cima umas das outras, negociam, fazem esquemas. A única moral é ganhar dinheiro rápido” (CHAVES; MACÊDO, 2009, p. 47). A partir do romance *Se o passado não tivesse asas* (2016), nas figuras de Himba e Sofia, o leitor pode perceber uma denúncia de que a descolonização de Angola se deu por meio de outra forma de colonização: o capitalismo.

Se por um lado a realidade de Himba é consequência do contexto das guerras civis em Angola, por outro lado a realidade de Sofia é um retrato do destino do povo angolano dentro do sistema capitalista introduzido no país após décadas sob o jugo colonial, por ser uma grande potencialidade econômica devido ao petróleo, ferros, diamantes, entre outros minerais (FELIX, 2015). Sob as novas configurações da condição social e econômica angolana, “o próprio sujeito precisaria reconhecer e legitimar a si próprio” tendo em vista que com a “transição do regime colonial para o status de independente se veria em ferrenha luta com seus iguais, e sob a influência de novos impérios econômicos como instrumentos no jogo político internacional, em um mundo polarizado entre as forças capitalistas e socialistas” (AUGUSTONI; VIANA, 2010, p. 189).

Sendo assim, as narrativas paralelas de passado e presente apresentam dois cenários distintos: a guerra, o abandono, a miséria e a fome em contraponto à “paz”, ao luxo, ao desperdício e à ganância. Himba vivenciou a guerra e, para sobreviver, precisou lutar com a arma

que tinha, já Sofia, mesmo que a guerra tivesse chegado ao fim, continuou com o instinto de sobrevivência, por isso se apoderou do capitalismo selvagem para manter uma boa qualidade de vida para ela e para seu irmão sem precisar reviver o pesadelo das ruas. As duas vivências enfim se entrelaçam e mostram como é improvável um presente sem resquícios do passado, uma sociedade descolonizada sem a presença do colonialismo, porque “o passado alimenta o presente, ambos moldam-se mutuamente e este projeta o futuro” (MATA, 2013, p. 19).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em *Se o passado não tivesse asas* (2016), Pepetela utiliza a literatura para contestar e denunciar os rastros nefastos deixados em Angola pelo processo de ocupação, pela colonização e pela descolonização tardia, com base em personagens marginalizadas pelas guerras civis internas, com vivências atrozadas que impactam sua vida direta e indiretamente. Ao narrar o passado e o presente de Himba e Sofia, o autor expõe o conflito identitário dos sujeitos angolanos, os quais permeiam a instabilidade e a contradição durante a busca pelas suas raízes enquanto são submetidos à nova configuração social e econômica do país.

A partir do interesse de Pepetela por questões sociais e devido ao contexto histórico caótico vivenciado em Angola pós-independente, o autor expõe, no romance, como o colonialismo português ainda é muito atual na sociedade angolana. Com a personagem Sofia, Pepetela prova a impossibilidade de alterar o passado e, consoante à teoria pós-colonial, aponta a necessidade de ressignificar o presente para mudar o futuro da nação.

A mescla entre ficção e realidade na narrativa pepeteliana procura construir uma imagem de Angola com o auxílio de uma representação artística, tornando seus leitores mais conscientes dos efeitos do colonialismo português e mais críticos sobre a contemporaneidade. Ou seja, em uma sociedade como a angolana, “a dimensão do literário vai além da ficcionalidade” (MATA, 2010, p. 53). Em síntese, um dos principais objetivos da literatura pós-colonial é evidenciar a dependência com o colonizador e buscar, com isso, minorar ou extirpar esse tipo de relação.

O estudo crítico das literaturas africanas em língua portuguesa é de grande relevância para ter contato com outra perspectiva do que foi o colonialismo, dessa vez através da lente do sujeito colonizado, historicamente silenciado e que encontra na literatura o meio para se expressar e para denunciar as mazelas da colonização não só no passado, mas no presente também, com o intuito de resgatar uma ancestralidade momentaneamente perdida.

REFERÊNCIAS

- AUGUSTONI, P.; VIANA, A. L. A identidade do sujeito na fronteira do pós-colonialismo em Angola. *IPOTESI*, Juiz de Fora, v. 14, n. 2, p. 189 - 205, jul./dez. 2010.
- CANDIDO, A. O direito à literatura. In: CANDIDO, A. **Vários escritos**. São Paulo: Duas cidades; Ouro sobre azul, 1995, p. 235-263.
- CHAVES, R. O Brasil na cena literária dos países africanos de Língua Portuguesa. In: CHAVES, R. **Angola e Moçambique: experiência colonial e territórios literários**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2005, p. 275-286.
- CHAVES, R.; MACÊDO, T. **Portanto... Pepetela**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.
- FELIX, V. A. **Angola pós-independência, sob o olhar de João Melo em Filhos da Pátria**. 2015. 76 p. Dissertação (Mestrado em Literaturas Portuguesa e Luso-africanas) — Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/131716>>. Acesso em: 05 de dezembro de 2024.
- HERNANDEZ, L. L. **A África na Sala de Aula: Visita à História Contemporânea**. São Paulo: Selo Negro, 2005.

JACOB, S. Resenha do livro *Se o passado não tivesse asas*, de Pepetela. **Revista Mulemba**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 152-154, jul-dez, 2016. Doi: <https://doi.org/10.35520/mulemba.2016.v8n15a5342>. Disponível em: <<https://revistas.ufri.br/index.php/mulemba/>>. Acesso em: 05 de dezembro de 2024.

KILOMBA, G. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LEITE, A. M. **Literaturas africanas e formulações pós-coloniais**. Lisboa: Edições Colibri, 2013.

LEITE, A. M.; BERGAMO, E. A.; BRUGIONI, E.; CANEDO, R. (org.). O romance africano visto de longe. *In*: LEITE, A. M.; BERGAMO, E. A.; BRUGIONI, E.; CANEDO, R. (org.); **O romance africano**: tensões, conexões, tradições. Goiânia: Cegraf UFG, 2022, p. 9-33.

MATA, I. **Ficção e história na literatura angolana**: o caso de Pepetela. Luanda: Mayamba Editora, 2010.

MATA, I. **A literatura africana e a crítica pós-colonial**: reconversões. Manaus: UEA Edições, 2013.

PEPETELA. **Se o passado não tivesse asas**. Rio de Janeiro: Leya, 2017.